



Boletim Conjuntural Semana 29/2026 – 16 de julho de 2026

EXPORTAÇÕES	2
TRIGO	2
UVA	3
BOVINOS	5
OVOS	5
FRANGO	7

O boletim conjuntural desta semana aborda prioritariamente o desempenho do comércio exterior do Paraná no primeiro semestre de 2026.

O crescimento no faturamento das exportações foi impulsionado pelo Complexo Soja, com destaque para o avanço expressivo do óleo bruto, e pela boa performance do setor de carnes. Essa evolução financeira compensou a leve retração no volume total embarcado, provocada pela retenção do milho no mercado doméstico e pela menor movimentação de açúcar e produtos florestais.

Apesar do bom resultado geral, o encerramento temporário das cotas de exportação de carne bovina para a China desacelerou o ritmo de negócios e trouxe um recuo pontual no preço da arroba. O excedente que deixa de ser embarcado deve ser redirecionado ao mercado interno,

sinalizando uma possível queda nos preços ao consumidor, que ainda operam em patamares elevados. O setor de postura comercial também enfrentou dificuldades no comércio exterior, registrando uma queda expressiva no volume exportado de ovos devido a barreiras comerciais e oscilações na demanda internacional.

Pelo lado das importações, o período foi marcado pelo recuo nas compras de trigo, acompanhando a tendência nacional. A decisão dos moinhos de adiar as compras projeta um cenário de incerteza para o segundo semestre, quando a necessidade de reposição de estoques deixará os preços mais expostos à volatilidade do câmbio e do mercado internacional.

Completem o boletim análises sobre os custos de produção de frangos e sobre a evolução do mercado de uvas. Enquanto o primeiro tem importância ímpar para a balança comercial paranaense, o segundo vem buscando se adequar à realidade local e registrou redução de área cultivada na última década.

Boa leitura!



EXPORTAÇÕES

Adm. Edmar Wardensk Gervasio

O Paraná fechou o primeiro semestre de 2026 com uma receita de exportações de US\$ 8,9 bilhões, alta de 5% em comparação com o mesmo período de 2025. Esse crescimento foi impulsionado principalmente pelo Complexo Soja, cuja receita avançou 18%, passando de US\$ 3,05 bilhões em 2025 para US\$ 3,6 bilhões em 2026. O segundo principal grupo exportador do Estado, o de carnes, também apresentou desempenho positivo, com crescimento de 16% na receita. Juntos, o grupo carnes e o Complexo Soja responderam por mais de 70% da receita total das exportações paranaenses.

O Complexo Soja representou, individualmente, 40,4% da receita de exportações do Paraná no primeiro semestre. Entre os produtos que compõem esse grupo, a soja em grão foi o principal item exportado, com receita de US\$ 2,43 bilhões, crescimento de 12,5% em relação ao mesmo período do ano anterior. Em seguida aparece o farelo de soja, que somou US\$ 659,4 milhões em receitas, também com alta superior a 12%. Já o terceiro item mais exportado foi o óleo bruto

de soja, cuja receita acumulada no período alcançou US\$ 461,5 milhões, um crescimento superior a 73%, consolidando-se como o produto de melhor desempenho comercial dentro do Complexo Soja.

Apesar do aumento da receita, o volume total exportado apresentou leve retração de 3%. Essa redução é reflexo, principalmente, do menor volume exportado de milho, que permaneceu no mercado doméstico, além da queda nas exportações de produtos florestais e de açúcar.

TRIGO

Eng. Agrônomo C. Hugo W. Godinho

As importações de trigo no Paraná recuaram no primeiro semestre de 2026, acompanhando a retração nacional. O volume importado pelo estado foi de 413 mil toneladas, contra 481 mil toneladas no mesmo período do ano anterior. Essa queda de 14% (ou 68 mil toneladas a menos) representou uma parcela da retração nacional observada pelo Agrostat/Mapa, que viu as compras brasileiras caírem de 3,57 milhões para 2,77 milhões de toneladas nos primeiros seis meses de 2026.



Boletim Conjuntural Semana 29/2026 – 16 de julho de 2026

Havia expectativa de que este fosse um semestre de compras mais volumosas em função da redução na safra brasileira de 2025 e da projeção de uma colheita ainda menor para 2026. Como essa antecipação não se confirmou, desenha-se um cenário de maior incerteza para o segundo semestre, período em que os moinhos precisarão efetivamente repor seus estoques. Com a necessidade de importação mais premente, as cotações internas devem ficar mais expostas à volatilidade dos preços internacionais e do câmbio.

O Paraná, como maior parque moageiro nacional, tende a sentir esses impactos de forma mais amena que o restante do país. Isso ocorre devido à proximidade com a produção doméstica: nos estados do Sul, menos de 20% do trigo utilizado na moagem é importado, enquanto nas demais regiões esse percentual ultrapassa os 60%, de acordo com dados da Abitrito.

UVA

Eng. Agrônomo Paulo F. de Souza Andrade

A Organização das Nações Unidas para a Agricultura e Alimentação – FAO informa que as uvas foram a quarta fruta

mais explorada no mundo em 2024, respondendo por 7,3% das 1,0 bilhão de toneladas (t) colhidas em um universo de cerca de cinquenta espécies, incluídas nozes e castanhas. Foram 75,9 milhões de t de uvas em 6,4 milhões de hectares (ha), sendo o Brasil o décimo segundo produtor participando com 2,4% das vindimas. Por sua vez, a Organização Internacional da Vinha e do Vinho – OIV aponta que 49,2% deste volume se destinaram às uvas de mesa para o consumo de fruta fresca, 42,3% para a vinificação e 7,6% para as uvas secas/passas.

Em 2026 o Brasil estima colher 2,2 milhões de t de uvas em 83,2 mil ha, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística/IBGE, sendo o Rio Grande do Sul o principal produtor do país, com 47,7% dos volumes provenientes de seus parreirais. Com foco na transformação agroindustrial, a produção rio-grandense traduz-se em vinhos, espumantes, sucos, vinagres, geleias e uma gama de subprodutos derivados.

Pernambuco, São Paulo e Bahia, com parcelas respectivas de 34,5%, 6,4%, e 4,9%, somados aos números gaúchos concentram 93,5% dos volumes colhidos. O perímetro irrigado de Petrolina/PE e



Boletim Conjuntural Semana 29/2026 – 16 de julho de 2026

Juazeiro/BA tem na uva fina de mesa o esteio de seus negócios, com foco na exportação e também direcionada ao mercado interno. O Paraná figura no quinto lugar na produção de uvas do Brasil (2,7%), contabilizando uma área próxima a 4,0 mil hectares e colheita de 58,0 mil toneladas de uvas, em 2026, conforme indica o IBGE.

Distribuídos em 258 municípios dos 399 do estado, este Deral aferiu em 2025 uma área de 3,2 mil ha cuja produção foi de 50,4 mil t, rendendo um Valor Bruto da Produção/VBP de R\$ 389,7 milhões, posicionando a uva como a terceira fruta na geração de renda bruta nos pomares paranaenses. (FRUTI PR 2025 preliminar: 56,2 mil ha; 1,5 milhão de t e VBP R\$ 4,3 bilhões)

Entre 2016 e o ano passado, influenciado pelo reposicionamento da viticultura de mesa no país, ocorreu uma redução de 21,0% da área e 6,3% nos volumes colhidos no estado. Nos vinte anos pretéritos, as Uvas de Mesa – Finas e Rústicas, que em 2006 representavam 76,3% das vindimas no estado, em 2025 participaram com 64,6%. As Uvas para transformação agroindustrial, por sua vez, complementaram este hiato quando o quinhão no pretérito era próximo de 23,7%

das colheitas, no ano passado alçou fatia de 35,4% do volume, indicando um novo posicionamento para a atividade no estado.

Em relação ao VBP e com um valor de mercado superior, as uvas de mesa participam com R\$ 312,3 milhões (80,1%) do montante de R\$ 389,7 milhões, enquanto as uvas destinadas a agroindustrialização giraram R\$ 77,4 milhões (19,9%).

Marialva, ao norte do estado, com 450 ha produzindo 13,5 mil t e R\$ 129,6 milhões é a referência nas uvas finas de mesa e concentra 28,5% da área e 41,5% das quantias colhidas e do VBP; Rosário do Ivaí, ao centro do Paraná, colheu 1,5 mil t em 150 ha e gerou uma renda bruta de R\$ 14,4 milhões (8,6% da superfície e 4,6% dos volumes e valores) tem como foco as uvas rústicas de mesa. (Uva mesa PR 2025: 1,7 mil ha; 32,5 mil t e VBP R\$ 312,3 milhões). Bituruna, ao sul, teve em seus 100,0 ha de parreirais destinados para produção de vinhos e sucos premiados, uma vindima de 1,5 mil t e VBP de R\$ 6,5 milhões, respondendo por 6,9% das áreas e 8,4% das quantidades e VBP. (Uva agroind. PR 2025: 1,4 mil ha; 17,8 mil t e VBP R\$ 77,4 milhões).



BOVINOS

Méd. Veterinário Thiago De Marchi da Silva

O preenchimento da cota de exportação de carne bovina para a China reduziu o ritmo das negociações no mercado do boi gordo brasileiro. Cotada a R\$ 328,10 (Cepea) por arroba no momento da elaboração deste boletim, a arroba bovina acumula queda de 2,5% no mês. Apesar da retração nas negociações, o nível de preços permanece elevado, indicando que, embora a China seja o principal destino da carne bovina brasileira, a interrupção temporária das compras não compromete de forma catastrófica o mercado nacional, afetando principalmente os frigoríficos habilitados a exportar para aquele país.

No mercado interno, apesar do recuo recente da arroba, os preços da carne bovina seguem elevados para o consumidor. No atacado, os cortes do dianteiro e do traseiro registraram altas de 10% e 14%, respectivamente, na média de junho em relação ao mesmo mês de 2025. Com o redirecionamento ao mercado interno de parte da produção que seria destinada à China, é possível que haja queda nos preços nas próximas semanas.

OVOS

Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

Exportações de ovos recuam em 2026 sob impacto do mercado externo e barreiras comerciais. As exportações brasileiras do complexo ovos registraram retração no primeiro pentamestre de 2026, refletindo mudanças no cenário internacional e os efeitos persistentes de barreiras comerciais. De acordo com dados do Agrostat Brasil (MAPA), de janeiro a maio, o volume exportado atingiu 20.358 toneladas, uma queda de 21,9% em relação ao mesmo período de 2025, quando foram embarcadas 26.083 toneladas. Apesar da expressiva redução em volume, o recuo no faturamento foi mais moderado. A receita cambial somou US\$ 82,810 milhões em 2026, contra US\$ 85,958 milhões no ano anterior, o que representa diminuição de 3,7%. O comportamento indica uma recomposição de preços médios no mercado externo, atenuando parcialmente a perda em volume.

O chamado “complexo ovos” engloba ovos férteis destinados à incubação (material genético), pintos, ovos frescos com casca, além de produtos



Boletim Conjuntural Semana 29/2026 – 16 de julho de 2026

processados como ovos cozidos, desidratados, gemas e ovoalbumina. Entre esses itens, destacam-se, em termos de participação, os ovos férteis e os ovos frescos para consumo.

No recorte estadual, o Paraná manteve posição de destaque, ocupando o segundo lugar entre os maiores exportadores do país. O Estado embarcou 3.326 toneladas, com receita de US\$ 19,399 milhões. Em comparação com 2025, houve aumento de 12,3% no volume e crescimento de 34,6% no faturamento, sinalizando ganho de competitividade e melhor posicionamento em nichos de maior valor agregado.

Entre os cinco principais estados exportadores, o desempenho foi heterogêneo. Paraná (+12,3%) e Rio Grande do Sul (+47,6%) ampliaram o volume exportado, enquanto São Paulo (-1,4%), Minas Gerais (-69,4%) e Mato Grosso (-58%) registraram retração. No quesito receita cambial, três estados avançaram - São Paulo (+34,3%), Paraná (+34,6%) e Rio Grande do Sul (+55,1%) - ao passo que Minas Gerais (-48,3%) e Mato Grosso (-69,8%) tiveram queda.

São Paulo segue na liderança nacional, com 6.523 toneladas exportadas

e receita de US\$ 34,575 milhões, seguido pelo Paraná. Minas Gerais aparece em terceiro lugar, com 3.082 toneladas e US\$ 5,143 milhões, enquanto Rio Grande do Sul e Mato Grosso completam o ranking.

No cenário internacional, houve mudanças relevantes no perfil dos principais destinos. O Chile assumiu a liderança como maior importador de ovoprodutos brasileiros, com 4.464 toneladas e US\$ 9,972 milhões, crescimento expressivo de 96,9% em volume e 72,2% em receita. Na sequência aparecem México, Senegal, Emirados Árabes Unidos, Japão e Paraguai, com desempenhos variados entre expansão e retração.

Entretanto, o fator mais determinante para a queda nas exportações brasileiras foi a abrupta retração das compras pelos Estados Unidos. No primeiro pentamestre de 2025, os norte-americanos lideravam as importações, com 9.757 toneladas e US\$ 21,713 milhões. Já em 2026, as aquisições despencaram para apenas 103 toneladas e US\$ 82,369 mil - uma redução de 98,9% em volume e 99,3% em receita.

Essa mudança está diretamente associada à política comercial adotada



Boletim Conjuntural Semana 29/2026 – 16 de julho de 2026

pelos Estados Unidos em 2025. Em julho daquele ano, foi anunciada a imposição de tarifa de 50% sobre diversos produtos brasileiros, incluindo ovos, medida que passou a vigorar em agosto. Embora parte dessas tarifas tenha sido posteriormente revista, itens como ovos permaneceram sujeitos à taxaço.

O impacto foi significativo, sobretudo porque os Estados Unidos vinham se consolidando como mercado estratégico para o Brasil, em função do déficit interno provocado pela influenza aviária (H5N1), que levou ao abate de milhões de aves naquele país ao longo dos últimos anos. Dessa forma, a manutenção das tarifas comprometeu a continuidade desse fluxo comercial, reduzindo drasticamente as exportações brasileiras de ovos e interrompendo o processo de consolidação de um importante mercado comprador.

Em síntese, os dados indicam que, embora haja esforços de diversificação de destinos e algum avanço em mercados alternativos, a perda do mercado norte-americano teve impacto decisivo sobre o desempenho das exportações em 2026. O cenário reforça a necessidade de ampliar acordos comerciais, reduzir vulnerabilidades externas e fortalecer

estratégias de agregação de valor no complexo ovos.

FRANGO

Méd. Veterinário Roberto Carlos Andrade e Silva

Preço do frango no Paraná sobe 1,3% em junho, mas opera apenas 0,8% acima do custo de produção.

De acordo com os dados divulgados pela Central de Inteligência de Aves e Suínos (CIAS) da Embrapa Suínos e Aves, o custo de produção do frango vivo no Paraná, criado em aviários do tipo climatizado em pressão positiva, atingiu o valor de R\$ 4,71/kg em junho de 2026.

Essa realidade representa uma leve oscilação positiva de 0,64% (+ R\$ 0,03) em relação ao mês anterior, quando estava em R\$ 4,68/kg, porém aponta para uma retração de 0,21% (- R\$ 0,01/kg) na comparação com junho de 2025, cujo valor havia sido de R\$ 4,72/kg.

Acompanhando essa tendência, o Índice de Custos de Produção de Frango (ICPFrango) fechou o mês em 364,12 pontos, tomando como base os 100 pontos registrados em janeiro de 2010. O indicador variou +0,55% frente aos 362,13 pontos de maio e registrou queda de 0,36% sobre os 365,42 pontos de junho do ano passado.



Boletim Conjuntural Semana 29/2026 – 16 de julho de 2026

Com esse resultado, o ICPFrango acumula uma alta de 1,09% no ano corrente e um avanço de 0,35% nos últimos 12 meses.

Ao analisar o comportamento mensal dos componentes do índice, observa-se que o ICPFrango registrou queda nos gastos com ração das aves (-0,55%), custos de capital (-1,10%), energia elétrica, calefação e cama (-2,05%) e transporte (-1,56%). Em contrapartida, houve pressão de alta nos segmentos de genética (+4,53%) e mão de obra (+3,71%), enquanto o item sanidade manteve-se estável.

Já no acumulado do ano de 2026, a dinâmica mostra recuo apenas no custo de capital (-13,32%), com avanço generalizado nos demais insumos: a ração subiu 0,10%, a mão de obra avançou 4,59%, a energia elétrica, calefação e cama encareceu 3,02%, o transporte elevou-se em 7,68%, a sanidade disparou 35,70% e a genética subiu 4,78%.

Vale destacar o peso desses fatores na composição do índice produtivo: os custos com a nutrição dos animais tiveram alta de 0,10% no ano e baixa de 3,78% nos últimos 12 meses, representando 62,34% do ICPFrango, ao passo que a aquisição de pintinhos de um dia (genética) detém um

peso de 19,63% sobre o índice, acumulando alta de 4,78% no ano e de 10,82% no intervalo de 12 meses.

Considerando os coeficientes técnicos específicos do Paraná — que englobam uma área de 1.500 m², peso de 2,9 kg, mortalidade de 5,5%, conversão alimentar de 1,7 kg e a realização de 6,2 lotes por ano —, a alimentação dos frangos de corte consolidou-se como o principal item do custo produtivo, equivalendo a 63,03% do total de R\$ 4,71/kg.

Em termos nominais, o valor da alimentação fixou-se em R\$ 2,93/kg em junho de 2026, o que representou uma leve queda de 0,68% (-R\$ 0,02/kg) em relação a maio (R\$ 2,95/kg) e uma retração de 3,9% (-R\$ 0,11/kg) em comparação com o mesmo mês de 2025 (R\$ 3,05/kg).

Traçando um paralelo regional entre os principais estados criadores e produtores da Região Sul, os custos de produção em junho de 2026 situaram-se em patamares superiores em Santa Catarina, atingindo R\$ 4,96/kg, e no Rio Grande do Sul, chegando a R\$ 4,92/kg, sendo que ambos os estados registraram uma elevação de 1,0% (+R\$ 0,05) no comparativo com o mês anterior.



Boletim Conjuntural Semana 29/2026 – 16 de julho de 2026

No que tange à receita, o preço nominal médio estadual do frango vivo pago ao produtor no Paraná fechou junho de 2026 em R\$ 4,75/kg, o que significa uma valorização de 1,3% (+R\$ 0,06) frente aos R\$ 4,69/kg registrados em maio. Todavia, quando confrontado com igual mês do ano anterior, quando o preço de venda era de R\$ 4,97/kg para um custo de R\$ 4,72/kg, constata-se uma retração de 4,4% (-R\$ 0,22/kg). Além disso, a cotação de R\$ 4,75/kg do ano corrente ficou 3,5% menor (-R\$ 0,17) do que a média estadual alcançada ao longo de todo o ano de 2025, que foi de R\$ 4,92/kg.

Em suma, o preço nominal médio recebido pelo produtor paranaense encerrou junho de 2026 operando apenas 0,8% (+R\$ 0,04) acima do custo médio de produção da ave viva, evidenciando um cenário de margens bastante estreitas para a atividade avícola.

Por fim, o mercado de insumos para a nutrição animal trouxe certo alívio no atacado paranaense durante o mês de junho de 2026. O preço do milho atingiu R\$ 61,23 por saca de 60 kg, recuando 3,3% (-R\$ 2,10) em relação a maio (R\$ 63,33) e diminuindo 3,1% (-R\$ 1,94) sobre o valor praticado no mesmo mês do ano anterior

(R\$ 63,17), mantendo-se também abaixo da média nominal de 2025, que fechou em R\$ 66,30 por saca. Paralelamente, a tonelada do farelo de soja foi cotada a R\$ 1.827,78, apresentando um recuo mensal de 2,8% (-R\$ 53,20) frente aos R\$ 1.880,98 de maio, embora ainda registre uma alta de 1,0% (+R\$ 18,33) na comparação anual com junho de 2025 (R\$ 1.809,45).

Contudo, apesar do alívio mensal nos grãos e da sutil melhora no preço do frango, a relação de troca anual deteriorou-se para o avicultor, exigindo um volume maior de carne para a aquisição de alimento. Em junho de 2026, tornaram-se necessários 215 kg de frango vivo para comprar uma tonelada de milho, contra os 212 kg demandados no mesmo período de 2025, representando uma piora de 1,4% na troca. No caso da fonte proteica, o farelo de soja, a perda do poder de compra foi ainda mais severa, saltando de 365 kg de frango em junho de 2025 para 385 kg em junho de 2026, um acréscimo de 5,5% no esforço de compra exigido do produtor.